

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**

**ANA CARLA MAGALHÃES AZEREDO**

**O PROJETO DE ALFABETIZAÇÃO CUBANO PÓS REVOLUÇÃO -  
A CAMPANHA DE ALFABETIZAÇÃO**

**Rio de Janeiro**

**2016**

**ANA CARLA MAGALHÃES AZEREDO**

**O PROJETO DE ALFABETIZAÇÃO CUBANO PÓS REVOLUÇÃO -  
A CAMPANHA DE ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Graduação em Pedagogia.

Orientador: Prof. Reuber Gerbassi Scofano.

**Rio de Janeiro**

**2016**

**ANA CARLA MAGALHÃES AZEREDO**

**O PROJETO DE ALFABETIZAÇÃO CUBANO PÓS REVOLUÇÃO -  
A CAMPANHA DE ALFABETIZAÇÃO**

Monografia apresentada junto à Faculdade de Educação da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, para a obtenção do título de  
Graduação em Pedagogia.

Orientador: Prof. Reuber Gerbassi Scofano.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Prof. Reuber Gerbassi Scofano.

---

Prof. Roberto Marques.

---

Prof. Maximo Augusto Masson.

Dedico este trabalho a meu filho Miguel, que me inspira diariamente e é o que me motiva a ser cada dia mais.

“A educação não tem como objetivo real armar o cidadão para uma guerra, a da competição com os demais. Sua finalidade, cada vez menos buscada e menos atingida, é a de formar gente capaz de se situar corretamente no mundo e de influir para que se aperfeiçoe a sociedade humana como um todo. A educação feita mercadoria reproduz e amplia as desigualdades, sem extirpar as mazelas da ignorância. Educação apenas para a produção setorial, educação apenas profissional, educação apenas consumista, cria, afinal, gente deseducada para a vida.”

Milton Santos

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu professor e orientador Reuber, que me acolheu sem titubear, de maneira positiva e motivadora, nessa jornada. Por ter sido ele meu orientador em um momento bastante delicado da minha vida, por conta dentre outras coisas da distância e do pouco tempo para a escrita. Por ter colaborado de maneira precisa e eficaz, reconstruindo em mim, com sua sabedoria, a confiança necessária para a execução desse trabalho.

Me sinto lisonjeada pela oportunidade de tê-lo me orientando – um professor que não cria barreiras, ajuda a superá-las.

Sinceramente obrigada.

## **Resumo**

O objeto da presente monografia está centrado na Campanha de Erradicação do Analfabetismo em Cuba, partido do pressuposto de sua relevância para a alfabetização de jovens e adultos, tendo seu foco principal na forma rápida e eficiente com que se concretizou e se solidificou a erradicação do analfabetismo no país. O problema norteador da monografia baseia-se na implementação da Campanha educacional em todo o território cubano, destacando os desafios encontrados no decorrer deste processo e nos benefícios que a Campanha educacional conquistou para toda população de Cuba. O processo de alfabetização foi muito mais complexo e elaborado do que se imagina e contou com um trabalho de conscientização em massa que serviu para a colaboração da reconstrução de toda a sociedade cubana. Para que possamos compreender a dinâmica do processo, conceituaremos brevemente a situação do país antes da Campanha de Erradicação do Analfabetismo. A monografia discorrerá, também, resumidamente, sobre o processo revolucionário e sobre como a abrupta invasão norte-americana se fez presente durante a Campanha educacional. Ao final, a monografia visa constatar os benefícios permanentes conquistados por esse movimento educacional ao longo do tempo, seu impacto em outros países latino-americanos e contribuição para a erradicação do analfabetismo.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Campanha. Cuba.

## Sumário

<b>1. Introdução .....</b>	<b>08</b>
 <b>Capítulo 1: A Educação antes do processo de alfabetização.....</b>	<b>10</b>
1.1 Histórico da Campanha educacional e sua importância .....	10
 <b>Capítulo 2: Implantando a Campanha de Alfabetização .....</b>	<b>12</b>
2.1 Sua preparação .....	13
2.2 O material didático .....	15
2.3 Seu funcionamento .....	17
<b>Primeiro Momento .....</b>	<b>17</b>
<b>Segundo Momento .....</b>	<b>18</b>
<b>Terceiro Momento .....</b>	<b>22</b>
<b>Invasão por Playa Girón .....</b>	<b>23</b>
 <b>Capítulo 3: A Educação após o processo de alfabetização.....</b>	<b>24</b>
3.1 Projetos pós Campanha educacional.....	24
3.2 Frutos da Campanha educacional .....	26
3.3 Dados estatísticos .....	28
 <b>Considerações Finais .....</b>	<b>31</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>33</b>
<b>Apêndices.....</b>	<b>35</b>



## 1. Introdução

### **Houve um país**

Canção da Aprendizagem

Houve um país há mil anos, uma vez,  
Que andava mal porque não havia o que comer.  
Então vieram profetas para ensinar,  
Com muitos livros que haviam de ser estudados.  
Tudo foi lido, tudo foi aprendido  
Do sonho que havia nos livros,  
Palavra a palavra.  
As ferramentas foram esquecidas  
Pela fantasia.

(...)

Sílvio Rodriguez

(1970)

A constante busca pelo conhecimento é uma tarefa custosa. Tarefa que exige não só o esforço de quem aprende, como também a vontade do poder público em investir para que isso aconteça, em um processo de determinação conjunta para o sucesso desse trabalho.

No contexto cubano, a luta do povo foi capaz de levantar e reconstruir um país, num movimento crescente de fortalecimento da nação, tão sofrida e vulnerável às vontades externas. A população cubana, antes sem identidade e desprovida de recursos, envolveu-se, portanto, em um movimento de transformação.

O caso de Cuba é de fato um exemplo, uma vez que conseguiu, em um ano, o que não havia sido feito em décadas. Um trabalho intensivo e com o apoio de toda a população cubana e, dessa maneira, Cuba tornou-se o primeiro país da América Latina a se ver livre do analfabetismo. Durante curso desta empreitada, é possível notar um processo geral de solidariedade humanista. As adversidades, encontradas pelo transcorrer do caminho, serviram como um poderoso combustível para que seus participantes seguissem mais fortes. Algo digno

de exemplo e que poderia servir de inspiração, como modelo de força de vontade e perseverança para outras nações.

Dediquei-me ao desafio de escrever esta monografia tendo em mente esse pensamento norteador. Possuindo um interesse particular em saber mais a respeito de um momento tão especial para Cuba, onde se conquistou não apenas a evolução intelectual que tanto buscavam, bem como o começo para uma nova perspectiva de vida, com consciência, pensamento coletivo e identidade pessoal. Uma vitória de todos, onde a luta contou, efetivamente, com a participação de toda a nação cubana.

Esta monografia teve sua metodologia alicerçada na pesquisa bibliográfica, a partir de autores, fotos de meu arquivo pessoal e de uma entrevista feita com Francisco Martínez, um professor de matemática cubano que participou como mestre voluntário durante a Campanha de alfabetização. Assim, esta monografia constitui-se, portanto, em uma revisão bibliográfica sobre a Campanha de Alfabetização Cubana, bem como de seu momento na história, tanto para o desenvolvimento intelectual quanto para a melhoria das condições de vida do povo.

## Capítulo 1: A Educação antes do processo de alfabetização

### 1.1 História da Campanha educacional e sua importância

Com a formação de um governo revolucionário após a revolução cubana, no ano de 1959, houve a promessa de uma política voltada para a população, com a criação de uma campanha de alfabetização, acompanhada de pesquisas científicas e da construção de museus, bibliotecas, teatros, cinemas. Novos espaços culturais que seriam custeadas inteiramente pelo Estado. Já a Campanha educacional foi custeada pelo Estado, contudo, em diversos momentos a população também contribuiu para sua manutenção e desenvolvimento.

A educação era vista como uma das ferramentas da revolução e entendia-se que educar a população mais pobre e rural seria uma premissa na batalha contra o domínio imperialista, pois preparava-os para assumir o poder. O ato de educar era encarado como um processo dinâmico e constante, onde os revolucionários deveriam se dedicar diariamente, como meio de superação pessoal e de desenvolvimento social. O historiador Antony Kapeia observava que

*“Qualquer análise da educação em Cuba a partir de 1959 tem que reconhecer que a educação é política, que a política significa revolução e que a revolução foi, em grande escala, a busca de uma nova identidade nacional.”*

(KAPEIA, 2004 apud YAFFE, 2011)

Para os líderes do movimento revolucionário cubano, a educação era sinônimo de cultura, desde a arte até a ciência, essa cultura viria ajudar a distinguir a nova formação, do homem novo com o antigo proletariado.

Um fator importante a ser mencionado é que o projeto educacional foi muito bem interligado, existindo uma bem-sucedida coerência entre os objetivos da campanha, seu papel social e sua metodologia. A educação foi voltada para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, fundamentais para aquele momento em Cuba. Tendo, também, a soberania do povo como uma importante meta.

O projeto de alfabetização contava com voluntários que vinham de todos os lugares para participar da nova jornada, não só para colaborar com a erradicação do analfabetismo e elevar a condição cultural, como também para participar da Revolução. A população cubana em massa apoiava o novo momento e há muito tempo não se via tamanha mobilização e esperança os motivando.

A Campanha educacional obteve êxito porque uniu uma vontade política de implantar programas de escolarização, tanto para jovens e adultos quanto para as crianças, com o desejo de propagar ganhos sociais para a população cubana. Tendo como objetivo principal uma reforma integral de ensino.

Libertar os cubanos através da educação era o legado deixado por José Martí. Para isso, implicava a criação de instituições totalmente novas que se adequassem às novas relações sociais, mais equilibradas com a realidade, e que viabilizassem o acesso à educação para todas as camadas da sociedade cubana.

O sistema educacional do antigo governo era precário e apenas uma pequena parcela da população tinha acesso ao sistema de ensino. Diante disso, o foco do novo projeto educacional priorizou a educação de base e os ensinos primário e médio. Inicialmente ocorreu um declínio do ensino superior em relação ao ensino de base, proporcionalmente. Porém, com o tempo um equilíbrio se fixou entre os níveis de ensino.

O impulso educacional era uma necessidade urgente, e responderia também a um problema que surgiu após a revolução: o êxodo de profissionais habilitados, já que diversas áreas perderam profissionais. Cuba possuía uma pequena elite profissional urbana. A maioria das indústrias estavam nas mãos de companhias estrangeiras, principalmente norte-americanas. Muitas empresas, inclusive, empregavam norte-americanos especializados e a maioria de cubanos que ocupavam cargos de direção, haviam sido capacitados nos EUA. Com a chegada da revolução, os cubanos que ocupavam altos cargos utilizaram-se de seus “contatos” para irem embora para os Estados Unidos.

Graves problemas ignorados pelo antigo governo também assolavam o país, tais como desemprego, precariedade na área da saúde e moradia, dentre outros. Esse fato corroborava para a insatisfação do povo cubano e para o fortalecimento do movimento revolucionário, uma vez que a população repudiava a arbitrariedade do governo e via na revolução uma esperança de dias melhores.

A colaboração geral do povo cubano contribuiu para o sucesso da Revolução, a sociedade caminhava para a consciência e para o desejo de mudança. E a esperança do povo foi fundamental para a Revolução. Nesse contexto, o projeto de alfabetização ganhava cada vez mais apoio e espaço dentro da sociedade cubana.

## Capítulo 2: Implantando a Campanha de Alfabetização

A campanha de alfabetização adveio de um processo histórico e seguiu acompanhada de uma série de mudanças que firmaram a melhoria da qualidade de vida da população de Cuba, ocasionando uma mudança estrutural na sociedade. O processo de alfabetização serviu não somente para que o povo soubesse ler e escrever, mas também para a construção de uma nova sociedade, voltada para a igualdade, a solidariedade e o coletivo.

A revolução concentrou-se no trabalhador. Uma das primeiras medidas aplicadas nos territórios ocupados pelos revolucionários era a alfabetização e até mesmo os guerrilheiros eram alfabetizados. Estes eram considerados, também, como reformadores sociais e, logo, deveriam ter o nível cultural necessário para contribuir para uma nova sociedade que se formava. Muitas escolas foram improvisadas no espaço das bases de guerrilha em áreas rurais. Os estudos ajudavam a mantê-los ocupados ante a escassez de comida e nos períodos em que não havia combate.

É bastante importante ressaltar que os temas abordados pelos guerrilheiros eram diversos, iam desde a história de Cuba e estratégias de guerra até obras de poetas. Pablo Neruda era um dos poetas que estava presente em suas leituras de grupo. Em trecho de seu livro *“Confesso que vivi: memórias”*, Neruda recorda seu encontro com Che Guevara:

*“Me elogiou quando me disse a respeito do meu livro Canto General. Costumava lê-lo durante a noite a seus guerrilheiros, em Sierra Maestra. Agora, já passado os anos, me estremeço ao pensar que meus versos também o acompanharam em sua morte (...) eu sigo vendo no Che Guevara aquele homem reflexivo, que em suas batalhas heroicas, destinou sempre, junto às suas armas, um espaço para a poesia.”*  
(NERUDA, 2005)

Este pequeno trecho demonstra que a sensibilidade não foi esquecida e reforça a parte cultural dos mambises (como também eram chamados os combatentes rebeldes cubanos).

Desde o início, os guerrilheiros do Exército Rebelde tinham começado essa jornada educacional, logo que se refugiaram em Sierra Maestra. Os mestres voluntários da Campanha educacional, no caso, deram continuidade a essa jornada, de maneira formalizada e com auxílio de cartilhas, porém não menos organizados e disciplinados. A Campanha de alfabetização era descrita como um golpe contra o velho regime, onde a ignorância havia servido à ditadura.

## 2.1 Sua Preparação

Em abril de 1960, o comandante em chefe Fidel Castro convocou estudantes e trabalhadores a se tornarem mestres voluntários para uma jornada de busca pela evolução pessoal e cultural. Castro anunciou nas Nações Unidas, em setembro desse mesmo ano, que em Cuba se realizaria uma campanha de alfabetização que teria como meta erradicar o analfabetismo em um ano. A partir daí, até o final de 1960, se intensificaram os preparativos da campanha. Havia uma Comissão Nacional de Alfabetização, integrada por membros do Ministério da Educação, de outros ministérios e de organizações sociais. Essa Comissão seria responsável pela Campanha educacional.

No princípio da Campanha de alfabetização, para a preparação de seus mestres, foram convocados voluntários em Sierra Maestra, que receberam treinamento por três meses. Na formação desses mestres eram desenvolvidos vários campos, como Didática, com um programa de leitura e escrita; Matemática, com noções iniciais para as primeiras séries; Programa de agricultura, respaldando a maioria dos voluntários, já que eram das cidades e atuavam no campo; Noções Pedagógicas e de Psicologia, onde foram auxiliados para o trabalho rural, o trabalhador e suas famílias.

Em sua convivência no treinamento, os brigadistas também desenvolviam a solidariedade, a disciplina e o despertar para a coletividade. Com o contato interpessoal diário, tornavam-se hábeis em ofícios cotidianos dos trabalhadores, conviviam com madeireiros e adquiriam conhecimentos gerais.

Segundo Peroni, criou-se, como uma das primeiras medidas do governo revolucionário, em março de 1959, a Comissão Nacional de Alfabetização e Educação Fundamental, ligada ao Ministério da Educação. Esta Comissão Nacional orientaria as Comissões Municipais, que estruturavam os trabalhos de base da Campanha de Alfabetização. A Comissão criou também 844 centros de estudos, onde integraram 2.832 mestres voluntários. (PERONI, 2006). Para melhor logística organizacional, a Comissão de Alfabetização contava com quatro seções:

- Técnica: responsável pelo aspecto didático da Campanha educacional, onde se criava o material didático, localizavam os analfabetos, selecionavam e preparavam os alfabetizadores e analisavam os dados estatísticos. Técnicos, professores e ativistas políticos contribuíram bastante nessa área;

- Propaganda: atuava tanto na popularização e na motivação positiva da Campanha de alfabetização, quanto na persuasão dos analfabetos. Estimulou toda a parte artística do movimento (hino, poesia, música...). A seção contava com o apoio de diversos meios, como imprensa, rádio, televisão, reuniões públicas e festas;
- Finanças: encarregava-se da administração dos recursos destinados à Campanha educacional e de sua arrecadação. Eram promovidos eventos para a angariação de doações, porém contavam também com a ajuda de sindicatos e do povo cubano;
- Publicações: responsável por todas as publicações e suas respectivas edições. Trabalho que englobava a produção de cartilhas, revistas e folhetos.

Após a formação, os mestres eram, por meio de sorteio, enviados para diversos locais da Ilha. Os mestres eram vistos com muito respeito e admiração pela maioria da população cubana, entretanto algumas pessoas tinham resistência a eles em um primeiro momento.

Os trabalhadores rurais, em alguns casos, não recebiam bem os mestres voluntários. Algumas vezes por ciúmes do convívio deles com suas esposas, outras vezes por acharem que suas casas eram simples demais ou sem espaço para recebê-los... Até mesmo o fato de muitos voluntários serem pessoas jovens, que no entendimento dessa parcela rural da população, não seriam instruídos o suficiente para o papel de alfabetização. Havia um estigma na figura do 'professor'. Para essas pessoas, o professor deveria ser bem-vestido, imponente e ter uma idade mais avançada para se mostrar preparado e erudito o suficiente para ensinar.

Além disso, em determinadas áreas do campo, a escolarização não era uma preocupação na vida dos habitantes. Muitas condições adversas eram barreiras para que os trabalhadores rurais tivessem resistência às aulas, desde falta de estrutura das salas de aula, que eram basicamente improvisadas, até o fato de não se acharem capazes de aprender após certa idade. Os argumentos eram intermináveis, desde não ter mais idade ou não enxergarem finalidade para a tal alfabetização até falta de sapatos para irem às escolas.

Os mestres deveriam trabalhar então não só com o conteúdo das cartilhas, como também estimular das famílias e dos analfabetos, mostrando a necessidade de aprender a ler e a escrever, tudo isso de maneira clara, branda e o mais próximo possível da linguagem do povo campesino.

Os alfabetizadores eram, por vezes, as pessoas mais instruídas da localidade onde se encontravam, também atuavam em áreas como saúde preventiva e higiene, assim como contribuíam para a formação de algumas organizações de massa.

## 2.2 O material didático

*“O livro, bem como sabemos, é o tijolo com que se constrói o espírito.”* (Darcy Ribeiro, 1995)

Os brigadistas não possuíam aprofundados conhecimentos pedagógicos, logo, havia uma preocupação da coordenação do projeto educacional em construir um material didático simples e de qualidade, de modo que qualquer pessoa pudesse fazer um trabalho satisfatório quando o utilizasse.

A metodologia utilizada foi ajustada aos objetivos da Campanha – conquistar a população para atuarem como agentes no processo de construção de uma nova sociedade. Metodologia essa, proposta para o trabalho de alfabetização de adultos. A vivência dos brigadistas com os alfabetizandos, morando e interagindo diretamente com eles, dia a dia, teve grande influência na metodologia. Consideravam-se sempre os interesses dos trabalhadores rurais, suas necessidades e a situação atual em que viviam, havendo uma relação entre a realidade específica vivida pelos alunos com a mudança na estrutura da sociedade, através do conteúdo da cartilha.

As mudanças estruturais na Ilha caminharam simultaneamente com a Campanha de alfabetização. Logo, uma abordagem política na cartilha foi de grande importância para ilustrar e aumentar seus saberes a respeito da realidade, conectando os alfabetizandos com esse novo momento político. A cartilha, também, foi de muita ajuda para vários brigadistas, já que alguns destes não tinham uma consistente formação política.

A abordagem dos mestres estabelecia-se sempre de maneira horizontal, buscando motivar o aluno nas discussões, sendo fiéis aos objetivos, mas de maneira não imposta. Os alunos tinham, inclusive, liberdade de sugerir ferramentas complementares para a aprendizagem, levando materiais como jornais e telegramas para as salas de aula. Tendo em vista os objetivos, o material didático cumpria o seu papel político e metodológico.



Durante o processo da Campanha de Alfabetização, houve muitas publicações, criaram-se a revista *Arma Nueva* e a revista *Verde Olivo* (essa última lida mais pelas forças revolucionárias). Dentre os materiais diretamente ligados à Campanha educacional, estavam:

- Manual “*Alfabeticemos*”: criado para auxiliar os mestres voluntários, com explicações mais detalhadas dos temas das cartilhas e o modo de abordá-los;
- Manual “*Cumpliremos*”: criado para esclarecer, com mais detalhes, a situação vivida pelo país e as modificações que estavam ocorrendo em nível do sistema econômico;
- Cartilha de Aritmética “*Producir, Ahorar, Organizar*”: ajudava os mestres nas atividades voltadas para práticas diárias relacionadas à matemática;
- Cartilha “*Venceremos*”: possuía o conteúdo a ser aprendido pela população, com a abordagem de diversos temas.

Todos os tópicos das cartilhas estavam diretamente ligados ao momento que Cuba se encontrava – sócio, política e economicamente. O objetivo era desenvolver nos alunos a capacidade de ler, escrever, se expressar oralmente, interpretar e compreender o que é lido, despertando neles o desejo pela leitura e escrita.

As cartilhas construía-se baseadas em temas. Para exemplificar a estrutura das cartilhas, especificaremos, abaixo, os quinze temas contidos na cartilha “*Venceremos*”:

1. OEA (Organização dos Estados Americanos);
2. Inra (Instituto de Reforma Agrária);
3. Cooperativa de Reforma Agrária;
4. A terra;
5. Os Pescadores Cubanos;
6. A mercearia do Povo;
7. Cada cubano dono de sua casa;
8. Um Povo são em uma Cuba livre;
9. Init (Instituto Nacional da Indústria Turística);
10. As Milícias;

11. A Revolução ganha todas as batalhas;
12. O povo trabalha;
13. Cuba não está só;
14. O ano da Educação;
15. Poesia e alfabeto.

Sobre os temas selecionados para compor as cartilhas, afirma Peroni:

*“Pode-se perceber, a partir dos temas selecionados para a cartilha, qual era o ideário revolucionário veiculado na época. Esses temas referiam-se tanto às condições materiais de uma vida digna (igualdade de direitos com relação à posse da terra, ao trabalho, moradia, etc.), como também aos aspectos subjetivos da existência humana (direito a crença religiosa, a educação, à não discriminação, ao lazer, etc.).” (PERONI, 2006).*

A relevância desse conteúdo político possuía estreita relação com os contrarrevolucionários. Estes eram formados em sua maioria por mercenários e pessoas que tiveram seus interesses econômicos contrariados, como antigos latifundiários, que se estabeleceram a partir da revolução cubana, formando milícias e tentando persuadir a população contra os revolucionários e o novo governo.

Contudo, a Campanha de Alfabetização também continha assuntos de interesse individual. Sendo assim, as cartilhas visavam colaborar para um melhor entendimento sobre temas que tangiam a vida dos alunos. Dessa forma, por se tratar de uma população rural, um dos temas abarcados pela cartilha tratava, exatamente, da reforma agrária. Destarte, percebe-se as preocupações e os fortes recursos empregados em educação o que denota um grande interesse e empenho com o propósito de despertar uma nova mentalidade na população.

## 2.3 Seu Funcionamento

### **Primeiro Momento**

Em um primeiro momento da Campanha educacional, de janeiro a abril de 1961, brigadas experimentais – chamadas brigadas piloto – foram organizadas. A primeira brigada piloto foi constituída por onze jovens da Universidade de Havana, chamada de *Caio Coco*. A brigada foi assim denominada, pois recebeu o nome da Ilha para onde os brigadistas foram

enviados para trabalhar. A brigada piloto teve êxito em sua tarefa, de alfabetizar e também de levar o ideal revolucionário para o povo.

A primeira etapa do projeto educacional foi de vital importância para o fortalecimento das Comissões Municipais. Essas Comissões eram orientadas pela Comissão Nacional e possuíam um importante papel na Campanha de alfabetização. Sobre as Comissões, Peroni destaca que

*“Elaborar um plano de trabalho onde estivessem incluídas a confecção de um mapa do analfabetismo, criar as seções de finanças, técnica e de propaganda, realizar as inscrições dos alfabetizadores, organizar os centros de alfabetização (locais como casas, sindicatos cooperativas, onde pudessem ser ministradas as aulas) e, ainda, estruturar os subconselhos de bairros competia às Comissões Municipais.”*  
(PERONI, 2006)

Ainda segundo Peroni:

*“Isso representava mais do que uma simples opção administrativa, exercia também uma medida política que conferia poder às bases, tendo como fundamento a descentralização. Assim, esse fortalecimento dos Conselhos Municipais estava associado ao ideário da revolução, já que a participação das bases com poder real de decisão era uma opção política, naquele momento do processo revolucionário.”*  
(PERONI, 2006)

Ainda nessa fase inicial houve um movimento importante para o sucesso da Campanha de Erradicação do Analfabetismo: o censo dos analfabetos por municípios. Para auxiliar nessa tarefa, na parte da localização, foi usado como base o censo de 1953. Esse movimento contou com o apoio não só dos brigadistas voluntários, como também de meios de comunicação, organizações revolucionárias e de massa. Como muitos moradores omitiam o fato de serem analfabetos, por vergonha ou por se acharem inapropriados para a alfabetização, o censo foi um grande desafio. As longas distâncias nas regiões montanhosas também acrescentaram certa dificuldade ao processo de recenseamento.

## **Segundo Momento**

Logo após a experiência com os professores voluntários em *Caio Coco*, em um segundo momento, foi criada a brigada de estudantes, denominada de *Conrado Benitez*, esta

brigada foi assim nomeada em referência a um mestre voluntário, que foi morto em pleno trabalho de alfabetização, por um grupo contrarrevolucionário.

Os primeiros voluntários a se disponibilizarem para a brigada *Conrado Benitez* foram pessoas que participariam da Campanha de alfabetização em seus horários livres, após o trabalho. Estes voluntários foram os “alfabetizadores populares”. Esses alfabetizadores se capacitavam através de breves reuniões, para discutir assuntos referentes à cartilha. Além disso, recebiam treinamentos, alguns seminários e cursos, para se aprimorarem e aprenderem mais sobre a cartilha, com a colaboração de técnicos e mestres.

Pouco antes do treinamento ter início, em abril de 1961, estudantes foram integrados à Campanha de Alfabetização. O treinamento dos brigadistas da *Conrado Benitez* foi feito em Varadero, estância balneária de Cuba, província de Matanzas. Fora do horário das aulas, os voluntários participavam das atividades que faziam parte da rotina da população da região, o que os levava a adquirir conhecimentos diversos relacionados à vida de seus alunos – o que reforça o processo bilateral de conhecimento entre mestres e alunos.

O ganho da Campanha de Erradicação do Analfabetismo ia além da alfabetização, pois todos os participantes desse processo aprenderam, assim como ensinaram. Esses participantes tornaram-se capazes de conviver com as diferenças, enxergar a árdua vida levada no meio campesino e até mesmo desenvolver a consciência de que, unindo forças, se é capaz de alcançar grandes feitos.

No entanto, existia uma preocupação com os brigadistas, em relação à saúde e bem-estar. A Coordenação da Campanha educacional, articulada com o Ministério da Saúde Pública, disponibilizou uma equipe de médicos e dentistas, que atuavam em postos de saúde, além de policlínicos em cada uma das zonas de atuação. Desenvolveram-se guias explicativos de saúde pública para serem distribuídos aos brigadistas que abordavam uma série de questões, tais como noções de higiene, medidas preventivas de saúde, problemas de asseio pessoal e meios para a melhoria do meio ambiente. Com isso, o Ministério da Saúde pôde chegar, por intermédio dos brigadistas, a todas as localidades, por mais remotas que fossem, de Cuba. A Campanha educacional possibilitou à população cubana uma série de exames, odontológicos e oftalmológicos, detectando e resolvendo uma série de enfermidades.

Os contrarrevolucionários, entretanto, exerceram um papel de obstruir o movimento durante toda a campanha. A atuação desses antagonistas dava-se com violência física e até

ataques psicológicos aos cidadãos cubanos, com o intuito de tentar desestruturar o trabalho que estava sendo feito pelos brigadistas.

O processo de acompanhamento da Campanha de alfabetização aconteceu da seguinte forma: durante a atuação dos mestres, os técnicos assessores (em sua maior parte professores) faziam reuniões semanais com os brigadistas, para tirar dúvidas, oferecer orientações metodológicas e coletar dados estatísticos. Esses técnicos analisavam o estágio de desenvolvimento dos alunos, as informações analisadas eram encaminhadas à Comissão Municipal e repassadas à Comissão Nacional. Dessa forma, viabilizava o controle regional e nacional da Campanha educacional. Além disso, os brigadistas preenchiam e encaminhavam quinzenalmente aos técnicos assessores uma planilha com o desenvolvimento do aluno.

Os brigadistas faziam uma verificação do conhecimento apreendido através de provas, aplicadas em três momentos da Campanha de alfabetização. Segundo Peroni, essas provas eram de três tipos:

*“Uma prova inicial – Que tinha o objetivo de diagnosticar qual era o nível de conhecimento da escrita em que se encontrava o analfabeto, para poder respeitá-lo durante o trabalho de alfabetização;*

*Uma prova intermediária – Que era aplicada depois da quinta lição, permitindo conhecer o rendimento do aluno durante o processo e viabilizar medidas tendentes a melhorá-lo, se fosse o caso;*

*Uma prova final – Aplicada ao término da cartilha, com o objetivo de verificar se a clientela realmente estava alfabetizada (caso não estivesse, o trabalho continuava).” (PERONI, 2006)*

O alfabetizado, ao final do curso, deveria escrever uma carta para alguém, dessa forma comprovariam sua formação. Muitos escreviam para Fidel Castro, que foi quem anunciou ao mundo que Cuba seria um território livre do analfabetismo. Essas cartas destinadas a Fidel se encontram hoje no Museu do Analfabetismo, em Cuba.

Um Seminário de grande importância, não só pela colaboração para a Campanha de Erradicação do Analfabetismo, como também para a sua repercussão mundial, chamado *“Seminário Internacional para a luta contra o analfabetismo”* ocorreu no ano de 1961. Este seminário foi organizado pela União Internacional de Estudantes, considerada hoje a maior organização mundial de estudantes, com associação nacional de estudantes em 114 países. Sobre esse Seminário, Peroni diz:

*“Em julho de 1961, foi realizado o ‘Seminário Internacional para a luta contra o analfabetismo’, organizado pela União Internacional de Estudantes. Nesse momento, professores latino-americanos, solidários com a Revolução Cubana, provenientes da Costa Rica, Brasil, Uruguai, Panamá, México, Argentina e Chile, integraram uma Brigada Internacional Voluntária de Alfabetização em Cuba.”* (PERONI, 2006)

Com essa participação externa de voluntários, a ideia do movimento se propagou. Os voluntários vindos da Argentina, Venezuela, Bolívia, Peru, Guatemala, Haiti, Itália, Espanha, França e Estados Unidos ratificaram a ideia da solidariedade internacional. Peroni detalha o processo da Campanha educacional:

*“Os trabalhadores participaram da Campanha através dos comitês de alfabetização formados nas fábricas. Esses comitês faziam o censo dos analfabetos ou semi-analfabetas existentes nas fábricas e escolhiam os mestres voluntários. Eles faziam um trabalho de convencimento, junto aos colegas detectados pelo censo como analfabetos, e só então iniciavam a alfabetização. Os comitês faziam também seminários assembleias gerais e recolhiam dinheiro dos trabalhadores para comprar material de alfabetização. Os trabalhadores doavam parte do seu salário para a Campanha.”* (PERONI, 2006)

A última brigada criada chamou-se *“Pátria ou Morte”*. Para esta brigada convocaram-se trabalhadores que fossem às áreas rurais para trabalhar mais ativamente na Campanha de alfabetização. Continuariam recebendo seus respectivos salários (já que era o sustento de suas famílias), porém seriam liberados para que exercessem suas funções para a projeto de alfabetização. Essa brigada foi uma mobilização em massa.

Durante esse período houve símbolos que tiveram grande papel na Campanha de Erradicação do Analfabetismo. Dentre esses símbolos, Peroni (PERONI, 2006) nos informa que *havia uma bandeira, que era colocada em cada território livre do analfabetismo*. Peroni (PERONI, 2006) continua dizendo que *símbolo importante, igualmente, foi o uniforme usado pelos brigadistas, parecido com o dos guerrilheiros do Exército Rebelde, já que tinham a tarefa de “combater” o outro inimigo que era o analfabetismo*. Essa simbologia do uniforme conferia aos brigadistas a sensação de importância e responsabilidade, proporcionando a eles um sentimento de legitimação de sua participação política no processo revolucionário.

Outro ponto que mostra a motivação e o “espírito” dos mestres nas suas empreitadas, são as canções elaboradas durante as expedições. As canções soavam como um grito de guerra, que uniam e incentivavam o grupo. Na brigada inicial, treinada em Sierra Maestra,

eles criaram o ‘Hino dos Mestres’, que reproduzimos abaixo, cantado pelos brigadistas nas caminhadas rumo ao vilarejo a ser alfabetizado.

“As aulas nas montanhas  
se abrirão para a verdade  
as aulas nas montanhas  
As aulas nas montanhas  
seus mestres já as têm  
e estão prestes a ensinar  
Vamos, vamos voluntários,  
vamos, vamos ensinar...  
Em uma das mãos os livros  
E no peito um ideal.  
As montanhas e as planícies  
Que também viram a luta  
As imponentes árvores  
Também viram a liberdade.  
Os rios e riachos  
virão nos saudar  
E as aulas se abrirão  
Vamos, vamos voluntários  
vamos, vamos ensinar...  
Em uma das mãos os livros  
E no peito um ideal.”

(CANFUX, 1988.apud PERONI)

Esses aspectos implícitos nessas simbologias colaboraram para um melhor resultado durante toda a Campanha de Erradicação do Analfabetismo. Os símbolos funcionavam como motivadores dos brigadistas, os inspirando e motivando, durante essa importante jornada pelo desenvolvimento da nação.

### **Terceiro Momento**

Em setembro de 1961, com o objetivo de analisar o andamento da Campanha e propor metas para esse momento final, realizou-se o Congresso Nacional de Alfabetização. Nesta

oportunidade criaram-se os chamados “*acampamentos de aceleração*”. Esses acampamentos se iniciaram em Melena Del Sur, e com o seu sucesso, foram executadas no restante da Ilha.

O trabalho no “*acampamento de aceleração*” atendia aos alunos com mais dificuldades, os que não conseguiram acompanhar o ritmo de suas turmas. Nesses locais a cartilha era trabalhada de forma intensiva e professores e brigadistas (os mais experientes, com mais familiarização com o trabalho) atuavam de forma conjunta. Em novembro de 1961, Melena del Sur se tornou o primeiro local de Cuba a se livrar do analfabetismo.

Nessa etapa final da Campanha de alfabetização, formaram-se outros grupos, como as “*Avançadas Revolucionárias*” - que atuavam em zonas mais difíceis de Havana, onde havia grande número de analfabetos – e os “*Repassadores*” - que lecionavam nos fins de semana, também no interior de Havana. Esses grupos contaram com o auxílio do Conselho Municipal para receberem um curso acelerado, tornando-se devidamente preparados.

Em dezembro de 1961, os brigadistas foram aclamados pela população, quando desfilaram em Havana, em um grandioso ato público, ao final da Campanha de Erradicação do Analfabetismo.

### **Invasão por Playa Girón**

No auge do trabalho da Campanha educacional, em abril de 1961, houve um ataque contrarrevolucionário a Playa Girón e Playa Larga, onde atuava uma brigada-piloto. Um grupo treinado e dirigido pela Agência Central de Inteligência norte-americana (CIA) tentou uma invasão no local.

Anteriormente ao ataque contrarrevolucionário, os aeroportos de San Antonio, Los Baños e Ciudad Libertad foram bombardeados. Claramente com o objetivo de inutilizar a pequena força aérea de Cuba, a força aérea americana atuou dessa forma para assim dificultar uma possível resposta ao desembarque na praia que viria a seguir.

Uma das brigadas atuava em um acampamento próximo a um dos aeroportos, porém o trabalho não foi suspenso. Mesmo com as ameaças provindas desse ataque, não houve a interrupção desse projeto.

As forças armadas cubanas atuaram à frente dessa batalha. O combate durou três dias. Os invasores foram vencidos.



## Capítulo 3: A Educação após o processo de alfabetização

### 3.1 Projetos pós Campanha educacional

Após a Campanha de alfabetização, a vida voltaria ao normal em Cuba. Os trabalhadores voltariam às empresas e os brigadistas às escolas. A preocupação com a continuidade do trabalho de educação era uma questão importante. Pois, se não houvesse um trabalho de continuidade, a Campanha educacional (e junto com ela, todo o trabalho de uma nação) de pouco teria adiantado.

Então, para solidificar o progresso da Campanha de alfabetização, foi criado um processo de continuidade que impediu o surgimento de novos analfabetos. Junto com essa medida, se difundiu a rede pública de ensino, o que a complementou o processo e fez com que todas as crianças cubanas tivessem acesso ao sistema de ensino. Visando essa continuidade, criaram-se a Direção de Educação de trabalhadores rurais e urbanos, com os cursos *Seguimento* (para os recém alfabetizados e pessoas de nível menor de escolarização) e *Superação Operária* (para os que possuíam de um nível elementar até um nível superior).

Em fevereiro de 1962 houve um programa de combate ao analfabetismo restante na Ilha – 3,9% da população ainda era não-alfabetizada – que localizava e alfabetizava a população contida nessa porcentagem. Ainda no ano de 1962 criou-se, também, um Vice Ministério ligado ao Ministério de Educação, que se dedicava especificamente à educação de adultos.

Diante dessa nova tarefa proposta, surgia um novo desafio: o número de mestres era irrisório e não havia tempo para esperar uma qualificação profissional. A partir desse ponto, era preciso conseguir mais voluntários e dar a eles uma preparação pedagógica básica, para que elas atuassem como mestres.

Com intuito de sanar essa dificuldade, foi feito um chamado às organizações que atuaram na Campanha de alfabetização. Dentre as organizações, encontrava-se a Federação das Mulheres Cubanas (que buscava ampliar a atuação das mulheres na sociedade e nos espaços de trabalho) e os Comitês de Defesa da Revolução (organização não governamental de partidários da revolução que atuavam também na parte de saúde e na promoção da participação cidadã em vários campos). Contudo, havia uma exigência para o ingresso: que os voluntários possuíssem, no mínimo, o nível primário de ensino.

Os mestres eram formados através de Seminários com duração de, aproximadamente, três meses, aumentando assim seu nível de escolaridade. No *Seguimento*, trabalhariam com os recém-alfabetizados e nos cursos de *Superação Operária* trabalhariam com os sub-escolarizados. Graças à presença fundamental dos mestres voluntários, que apoiaram a Campanha de alfabetização no primeiro chamado, o projeto de *Seguimento* foi possível. Canfux descreve como se deu esse trabalho:

*“Eu montei neste trem desde 1960 e não desci mais. Em Baracoa, éramos quatro companheiros no Seguimento e nós saímos, os quatro responsáveis municipais. Pegamos uma cama de Campanha e uma mochila e saímos, cada um por um bairro, e em 15 dias criamos 222 salas de Seguimento com seus mestres. Chegávamos às zonas, colocávamos a cama de Campanha e até que não deixássemos a sala funcionando... Porque quando se fez o Seguimento os alfabetizadores não estavam mais nas zonas, eram jovens que tinham que seguir os estudos. E então começamos nós, como já estávamos há dois anos dando aulas, começamos a formar mestres dos filhos de trabalhadores rurais para o Seguimento. Com o Seguimento, não íamos a casa de cada trabalhador rural, já exigíamos um pouquinho, que fosse a escola ou na casa de alguns deles, onde fazíamos um núcleo e continuamos ali alfabetizando, pois tu sabes que se deixássemos que ficassem sem estudos, voltaria o analfabetismo por desuso.” (CANFUX, 1988).*

As aulas dadas às crianças eram ofertadas pela manhã e os alunos do *Seguimento* recebiam as aulas à noite. Essa divisão de turno criava uma dificuldade aos recém-alfabetizados do *Seguimento*, que precisaram ser convencidos para dar continuidade a seus estudos.

Uma grande preocupação surgiu, nessa etapa, com o ritmo de aprendizado de cada aluno. Sendo a composição social dos alunos adultos bastante heterogênea, se tornou essencial respeitar o tempo de aprendizagem de cada aluno e este cuidado especial se tornou um destaque desse segmento. Nessa altura, integrar, nos estudos, o maior número de pessoas se tornou a meta para a educação de adultos em Cuba. O tempo disponível dos alunos para se dedicar aos estudos também era uma questão de suma importância, dessa forma, a educação pós Campanha de alfabetização se preocupou com a flexibilização do horário na educação.

Durante a pós-campanha, foram criadas algumas modalidades de estudos especiais, como os *Circuitos de leitura*, que foram criados com o intuito de reforçar o que havia sido aprendido. Nesses *Circuitos* uma pessoa mediava e auxiliava nas dificuldades encontradas na leitura. Dentre as diferentes modalidades de estudos, havia:

- Cursos regulares, para os alunos com disponibilidade de assistir às aulas todos os dias;
- Cursos por encontros, para os que tinham disponibilidade uma ou duas vezes por semana (com diferente plano de estudo e metodologia, requeriam mais estudo independente);
- Exames livres, para os que pretendiam saber seu nível de escolaridade;
- Cursos Especiais, para os trabalhadores que passavam um tempo viajando, possuía um calendário especial. No caso da Marinha, por se ausentarem por longos períodos, um mestre os acompanhava a bordo.

As disciplinas existentes nessas modalidades eram o Espanhol e a Matemática, porém conhecimentos de outras áreas eram trabalhados nessas matérias. Partindo dessas disciplinas, inseriam-se conhecimentos geográficos, científicos e históricos. O material didático eram os folhetos, elaborados por etapa pela assessoria nacional e distribuídos pelo país. O *Seguimento* contava com seis folhetos e a *Superação Obreira* com dezessete.

Essa etapa contou com o apoio financeiro das comunidades, que usaram seus próprios recursos para dar continuidade a educação em Cuba. A superação foi diária e contou, mais uma vez, com o total apoio de toda a população cubana que, dessa forma, implementou a educação de adultos no país, logo nos primeiros anos da Revolução.

### 3.2 Frutos da Campanha educacional

Muitos foram os ganhos advindos da Campanha de Erradicação do Analfabetismo. Ao longo dos tempos, projetos foram criados para a melhoria da qualidade educacional do país, em todos os campos de atuação.

O governo criou alguns incentivos aos trabalhadores, para que os mesmos completassem os seus estudos, tais como o pagamento adicional, aproveitamento em ocupações mais complexas e ascensão na escala de promoções. Com isso, o número de trabalhadores estudando cresceu, fosse em curso de formação para adultos ou em treinamento técnico, passando de 166.021 para 517.803. Peroni nos diz que

*“Mediante uma decisão tomada durante o 14.o Congresso da CTC (Confederação de Trabalhadores Cubanos) no ano de 1975, todos os trabalhadores cubanos*

*deveriam atingir o sexto grau (que corresponde ao final da fase elementar de escolarização) até o ano de 1980. Foi a chamada "batalha pelo sexto grau", que intensificou o trabalho de educação de adultos com a colaboração das organizações de massa, principalmente a CTC (Confederação dos Trabalhadores Cubanos) e FMC (Federação de Mulheres Cubanas). A CTC abrangeu mais os trabalhadores, e a FMC, as donas-de-casa e trabalhadores rurais."*

(PERONI, 2006)

Em 1980, houve mais uma Campanha educacional, para que todos os trabalhadores concluíssem o secundário – a meta era até 1985. Após essa campanha, outras vieram e, passo ante passo, a batalha pela escolarização foi prosseguindo.

Seguindo esses métodos em prol da educação de adultos, veio a luta contra o chamado "*analfabetismo residual*", um movimento que atuou em cima dos 3,9% das pessoas que não conseguiram ser alfabetizadas na grande Campanha de Erradicação do Analfabetismo. Segundo Rojas, atualmente, a educação de adultos em Cuba se organiza da seguinte forma:

*"Quanto à estrutura, existe uma direção nacional que funciona no Ministério de Educação, tem um diretor de metodólogos, que são metodólogos e inspetores que têm a dupla função: metodológica, de elaboração de materiais, e também inspeção nas províncias para orientar, ajudar e controlar a qualidade do trabalho que se realiza. Esta é a direção nacional. Em cada província (14 províncias) existe uma direção provincial, um departamento provincial, cada departamento provincial tem um chefe de departamento e metodólogos que se ocupam de adultos especificamente. Tem a função de organizar a educação de adultos especificamente. Tem a função de organizar a educação de adultos em sua província e de ajudar e assessorar os municípios, além de estabelecer as relações organizações (CTC, FMC, Anap...) e eles fazem convênios para que elevem seu nível de educação. Em cada município (169 municípios) há um metodólogo/inspetor de adultos que tem a máxima responsabilidade de adultos em seu município. Este metodólogo/inspetor pertence a uma direção provincial de educação que se ocupa de toda a educação, de pré-escolar, de primária... Ali os metodólogos/inspetores por área atendem sempre a educação de crianças como de adultos."* (ROJAS, 1967)

Seguindo a linha de direção municipal, a respeito de seu processo organizativo e acompanhamento de trabalho, Rojas coloca:

*"As salas de educação de adultos se dão em escolas, com direção, mestres e professores, mas também há salas em outros locais, como em fábricas, salas anexas, que pertencem à escola, mas não funcionam no mesmo local da escola, dependendo das necessidades dos adultos. Então há o conselho técnico, que é dirigido pelo*

*diretor da escola, onde são discutidos os problemas das escolas, tanto organizativos como metodológicos. Também existem os coletivos de cátedra onde os mestres se reúnem para analisar problemas metodológicos e a superação que têm de fazer estes mestres. Também se reúnem em nível municipal com os metodólogos e inspetores, onde há superação, a orientação metodológica para suas aulas e intercâmbio entre os professores do município para melhorar a qualidade do trabalho.” (ROJAS, 1967)*

Além do sucesso da Campanha de alfabetização em Cuba, o método implementado se tornou um exemplo e uma inspiração para outras nações. Países como Venezuela, Bolívia e Nicarágua também erradicaram o analfabetismo seguindo o modelo cubano. Os métodos cubanos de alfabetização “*eu, sim posso*” e “*eu, sim posso continuar*” serviram de modelo para 26 nações – com seus elementos de cartilha, recursos audiovisuais e vocabulário que foram adequados para cada país e traduzido em vários idiomas.

Diante do êxito alcançado em Cuba, da aplicação da metodologia em outros países e dos diversos prêmios recebidos, houve encontros internacionais, no campo da educação de jovens e adultos, que debateram o método ‘*Yo, sí puedo*’ e o cogitaram para que fosse adotado pela UNESCO como ‘*programa global de alfabetização*’.

Durante os debates, defendeu-se, por um lado, a validade do método cubano, classificando-o como efetivo, simples, acessível economicamente, didaticamente flexível e com resultados positivos a curto prazo. E em contra ponto, defendeu-se o argumento de que não é possível pensar em um ‘*método global de alfabetização*’, que não existe e nem pode existir “O” método de alfabetização, o que vale tanto para jovens e adultos quanto para crianças.

A UNESCO, no entanto, não se pronunciou oficialmente sobre esse trabalho. Porém, no ano de 2006, o *Instituto Pedagógico Latinoamericano y Caribeño* (IPLAC), de Cuba, recebeu o Prêmio de Alfabetização Rei Sejong, concedido pela UNESCO, pela promoção do sistema de alfabetização “*Yo, si puedo*”, aplicado com êxito em três continentes.

### 3.3 Dados estatísticos

A situação da educação antes da revolução cubana consistia em mais de um milhão de analfabetos na população maior de 10 anos (25%), enquanto 66% da população entre 5 e 24 anos não tinham assistência escolar alguma. Para cada mil habitantes, apenas 3 haviam

concluído o ensino médio e as escolas eram concentradas nos principais centros urbanos do país.

De imediato, após o processo revolucionário, a porcentagem da população matriculada em alguma instituição de ensino subiu 12,5% entre 1958 e 1959, e 37,1% de 1977 à 1978. A matrícula no ensino primário triplicou, aumentou dez vezes no nível médio e oito vezes no ensino superior. O orçamento destinado à educação no ano de 1973 foi de 700 milhões de pesos, superior ao orçamento total da república antes de 1959. Helen Yaffe discorre um pouco sobre o sucesso da educação pública a partir da Campanha de alfabetização:

*“Em janeiro de 1959, Armando Hart, dirigente do setor urbano do movimento 26 de julho, foi nomeado ministro da educação do governo revolucionário.*

*Depois de 16 meses de nomeação, o ministério havia crescido em sua atuação 10% aproximadamente, a capacidade escolar cresceu em 25% e o corpo docente (professores) em 30%.*

*Nos 57 meses anteriores, desde o estabelecimento da República, se havia construído apenas uma escola em Havana. O novo governo construiu 37 escolas, só na capital. As novas instalações educacionais eram gratuitas. Na verdade se pagava aos trabalhadores para que estudassem; assim, as barreiras financeiras da “próspera” indústria da educação privada eram derrubadas.” (YAFEE, 2011).*

Hart acrescenta como foi esse processo:

*“Só com recursos financeiros disponíveis, para a grande lista de pagamento a professores faltantes, que era oferecida pelo Ministério da Educação no antigo regime, se podia criar cinco mil aulas para nove mil professores desempregados. Quando se falou a Fidel que iam implementar a criação de cinco mil aulas, ele indicou que deveria ser conversado com os professores e pedir-lhes que abrissem mão de metade de seus salários para a criação de o dobro de aulas (dez mil), com a promessa que o salário aumentasse e fosse atualizado gradualmente em poucos anos. E isso foi feito.” (HART, 2005. apud YAFEE)*

Martin Carnoy desenvolveu um estudo comparativo entre o desempenho educacional de Cuba com o desenvolvimento de outros países da América Latina, na busca de evidências sobre a superioridade educacional cubana. Carnoy concluiu que

*“As crianças cubanas frequentam escolas que são intensamente focadas no ensino e possuem uma equipe de professores bem capacitados e regularmente supervisionados, em um ambiente social dedicado ao alto desempenho acadêmico para todos os grupos sociais. A combinação de ensino de qualidade com altas expectativas acadêmicas e uma hierarquia de gestão escolar rigidamente*

*controlada, com objetivos bem definidos, tornam o sistema cubano digno de confiança. Isso distingue a educação cubana dos outros sistemas latino-americanos. Na essência, a educação cubana oferece à maioria dos alunos uma educação básica que somente crianças da classe média alta recebem em outros países da América Latina.” (CARNOY, 2010).*

Esse desempenho escolar acima dos padrões é refletido por todo o contexto cubano, com um total engajamento do coletivo social. Características estas herdadas do quadro inicial da Campanha educacional, onde todos os setores se comprometiam em intercessão pela educação. Carnoy explicita bem isso quando afirma que

*“As crianças cubanas frequentam as escolas em um contexto social que dá apoio à saúde e à aprendizagem das crianças. Um governo que garante emprego aos adultos, presta serviços de saúde satisfatórios para todos e fiscaliza o cumprimento das leis contra trabalho infantil. Talvez não tenha uma economia eficiente, mas garante que as crianças de baixa renda sejam bem alimentadas, não tenham que trabalhar quando não estão na escola ou em vez de ir à escola. (...) os estudantes frequentam escolas com mais diversidade social e os direitos das crianças de baixa renda são muito mais protegidos do que em outros países da América Latina.”.* (CARNOY, 2010)

Criado na cidade de Libertad, o Museu Nacional da Campanha de Alfabetização teve grande importância para marcar esse processo cubano de desenvolvimento. Nele encontram-se registros e documentos históricos de suma relevância no que tange a uma das etapas mais importantes da história de libertação cubana.

Além do museu, criou-se também um filme com base na Campanha de alfabetização. A película *“El brigadista”* retrata a vida de um jovem que atuou como mestre voluntário durante a Campanha educacional. Este jovem, de procedência urbana, lecionava em um pequeno povoado próximo a Bahia dos Porcos. O filme demonstra, com clareza, o desafio dos brigadistas, desde a resistência inicial de alguns moradores das regiões abarcadas pela Campanha de alfabetização, até a sua adaptação em um meio de vida campesina.

A película *“El brigadista”* foi um trabalho bastante premiado. Destacam-se dentre suas premiações: Prêmio da OCIC (Organização Católica Internacional de Cinema) - por ser o filme cubano que melhor serve à promoção humana e ao desenvolvimento, em 1986; III Festival de Cinema, Rádio e Televisão da UNEAC – Havana, Cuba, 1986; Prêmio Catarina de Ouro no XVIII Festival Internacional de cinema de Cartagena, Colômbia, 1977.

## Considerações Finais

A revolução cubana passou por diferentes fases e adotou medidas para sanar os problemas mais iminentes do país, tais como o analfabetismo, o desemprego e a miséria.

A campanha de Alfabetização estava integralmente inserida no processo revolucionário, assim como seus objetivos e até mesmo sua metodologia. A população foi preparada para a nova fase que estava nascendo, incorporou-se a igualdade de direitos para setores discriminados, a vida coletiva, a formação de novos valores... enfim, a adequação de uma vida mais justa.

Nos dias atuais, em Cuba, praticamente não existe trabalho infantil e violência escolar. As crianças estudam em um ambiente mais seguro e menos desigual comparado a muitos outros países. Em janeiro do ano de 2013, tive a oportunidade de viajar para Cuba, como brigadista da Associação Cultural José Martí, em minha estada em Cuba pude ver que, ainda hoje, os princípios da Campanha de alfabetização estão inseridos, de forma marcante, no cotidiano de toda a população cubana, desde as crianças até os cidadãos mais velhos.

A oportunidade de visitar a Escola Especial Hermanos Montalvo, localizada ao sul da Ilha, na província de Caimito, me proporcionou um imenso prazer. Essa escola trabalha com crianças que tem necessidades especiais, me senti profundamente tocada pela rotina de atividades de toda a equipe da escola. Desde o diretor, passando pelos professores até o porteiro da escola são comprometidos com o intenso trabalho realizado. Os pais também são bastante envolvidos no processo escolar.

A referida escola funciona em horário normal e também em sistema de internato, onde os alunos voltam para casa apenas nos fins de semana, existem ônibus escolares disponíveis para todos os alunos. Já os alunos incapacitados de frequentarem a escola, recebem assistência pedagógica e suas mães recebem um salário para se manterem, considerando que as mesmas, por cuidar de seus filhos, estarão impossibilitadas de trabalhar.

Além das aulas, a *Escola Especial Hermanos Montalvo* oferece oficinas de diversos ofícios, como marcenaria, afazeres domésticos, culinária. Essas oficinas visam que o aluno possa se inserir na sociedade e tenha a capacidade de viver uma vida auto suficiente.

Durante minha permanência na *Escola Especial Hermanos Montalvo*, tive a oportunidade de conversar com um rapaz, que havia sido aluno e hoje é colaborador da



escola, sua esposa também foi aluna de lá. Como uma experiência única, tive a maravilhosa oportunidade de acompanhar essas histórias de vida bem de perto.

Vale mencionar que a Educação especial, inexistente antes do ano de 1959, conta atualmente com mais de 359 escolas desse segmento em todo o país, e tem como principal objetivo proporcionar a incorporação adequada dos alunos à vida laboral e social do país.

Esse trabalho me fez enxergar Cuba como um exemplo de estratégia política educacional. Apenas Cuba dispõe de um sistema educativo eficiente e com professores de alto nível, onde a educação tem sido prioridade desde 1959. O país não tem nada para invejar das nações mais desenvolvidas. Cuba é a nação do mundo que dedica a parte mais elevada do orçamento nacional (13%) para a educação.

O modelo para a erradicação do analfabetismo em Cuba, pós-revolução, implementou-se de forma desenvolta e eficaz. Apesar de todos os obstáculos, teve os objetivos – principal: a alfabetização de todos os cubanos, e secundário: a unificação político-social em torno de um ideal – alcançados com sucesso. Tal que, ainda hoje, atravessando o tempo e a geografia, a proposta educacional perseguida por esse facilitador e abrangente modelo educacional, obtém excelentes resultados também em outros países pelo mundo.

Para complementar este trabalho, encontra-se em anexo uma entrevista que fiz através de e-mail, em outubro do ano de 2015, a um simpático cubano que participou de uma das brigadas da alfabetização. Francisco Martinez fez parte da brigada Conrado Benitez e em seu relato, pude observar relevantes informações a respeito de sua importante e inesquecível jornada.

## Referências Bibliográficas

- FOGAÇA, J. A organização e a Estrutura dos sistemas de ensino no Brasil. In. *Gestão Educacional*. Brasil Escola, 2012. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.uol.com.br/gestao-educacional/a-organizacao-estrutura-dos-sistemas-ensino-no-brasil.htm>>, acesso em: 17/01/2016;
- CANFUX, J. *Arroyo de Quivijan. Memórias de um mestre voluntário*. La Habana, 1988;
- CARNOY, M. *A vantagem acadêmica de Cuba: Por que seus alunos vão melhor na escola*. São Paulo: Ediouro, 2009;
- CORTÁZAR, O. *Película El brigadista*. [Filme-video]. Produção de Sergio San Pedro, direção de Octavio Cortázar, Roteiro de Luis Noguerras e Octavio Cortázar. Cuba, 1977. 1 Película 35 mm, 119 min. p&b. son.
- DADOS UNESCO. *Métodos y medios utilizados en Cuba para la supresión del analfabetismo*. La Habana: Editora Pedagógica, 1965.
- HART, A. *Entrevistas*. La Habana, 2005;
- HUBERMAN, L.; SWEEZY, P. Cuba Anatomy of a Revolution. In. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*. New York: Monthly Review Press, 1960.
- KAPEIA, A. Education, Culture and Identity in Cuba: appraising the role of education in shaping and defining society. Informe dado no Institute for the Study of the Americas, Universidade de Londres, 2004;
- NERUDA, P. *Confieso que he vivido: Memorias*. Santiago de Chile: Pehuén Editores Limitada, 2005;
- PORTAL PDT. Campanha de Alfabetização Cubana – Um triunfo vigente. In. *Notícias*. Disponível em: <<http://www.pdt.org.br/index.php/campanha-de-alfabetizacao-cubana-um-triunfo-vigente-2/>>, acesso em: 16/01/2016;
- PERONI, V. M. *A campanha de alfabetização em Cuba*. Rio Grande do Sul: Editora UFRGS, 2006;
- RODRIGUES, J. P. A importância da alfabetização – o caso de Cuba segundo o filme ‘o brigadeiro’. In. *Aulas de Cinema*. Disponível em: <<http://pgl.gal/a-importancia-da-alfabetizacao-o-caso-da-cuba-segundo-o-filme-o-brigadeiro/>>, acesso em: 21/01/2016;

RODRIGUEZ, S. *Cancionero*. Cuba: Editorial Letras Cubanas – Ojalá, 2008;

ROJAS, A. *A Campaña de alfabetización de Cuba – alguns apuntes sobre los objetivos, contenido, métodos y medios del processo alfabetizador*. La Habana, 1967;

TROJAN, R. Educação básica e formação docente em Cuba: Prós e contras. *Jornal de Políticas Educacionais* N° 3, 2008;

YAFFE, H. *Che Guevara, economia em revolução*. Editora J.Martí, 2011.

## **Apêndices**

### **Entrevista com Brigadista Cubano participante da Campanha de Alfabetização**

**Nome:** Francisco E. Avesta Martinez

**Idade:** 75 anos

**Profissão:** Professor de Matemática

\* Morando atualmente na província de Artemisa.

#### **1. Como era a educação antes desse processo de alfabetização da qual participou?**

Antes do ano de 1959, (ano do triunfo da Revolução), havia milhares de crianças, jovens e adultos que não podiam estudar, dada a situação econômica nos lugares onde moravam.

Deviam trabalhar desde idades prematuras de suas vidas, desde cedo. Os mesmos vendiam coisas na rua, lustravam sapatos, ou qualquer outra atividade (legal ou ilegal) que lhes permitiam levar às suas casas alguns centavos.

Paradoxalmente, havia também milhares de mestres que não tinham aula fixa. Eram conhecidos como “mestres substitutos”.

Eles lecionavam em alguma classe quando um mestre em aula ficava doente ou faltava por outros motivos. Isto é, em um mês, poderia trabalhar um, dois ou três dias, segundo o tipo de substituição que fizessem.

O Governo Revolucionário herdou a situação e, entre os anos de 1959 e 1960, foram abertas milhares de novas turmas em todo o território nacional, criando facilidades para que se incorporassem ao estudo crianças, jovens e adultos.

Antes da Campanha Nacional de Alfabetização em Cuba, havia mais de um milhão de analfabetos.

#### **2. Como é e o que fundamenta a educação cubana hoje?**

A educação cubana se fundamenta hoje em garantir gratuitamente a instrução e a educação de todos seus cidadãos. Ou seja, está fundamentada em um conhecido pensamento Martiano: *“Ser culto é o único modo de ser livre”*.

### **3. Esse projeto atendeu às necessidades do povo?**

O Projeto de Alfabetização iniciado no ano de 1961, assentou as bases para que nosso povo continuasse sua superação, conseguindo ascender progressivamente em sua educação e cultura. Logo, a Campanha Nacional de Alfabetização atendeu irrefutavelmente as necessidades educativas e culturais do povo.

### **4. O projeto tinha métodos variados para trabalhar com as diferentes regiões da ilha? Como era?**

O método para alfabetizar se baseava em dois folhetos impressos: O *manual de alfabetização* e a cartilha *venceremos*. Esses dois textos foram recebidos por todos os brigadistas “Conrado Benitez”, em Varadero, quando estivemos por uma semana, recebendo os essenciais mínimos para realizar a tarefa. Por isso suponho que os métodos de trabalho foram os mesmos em todas as regiões do país.

### **5. Como foi gestado esse projeto, quem o elaborou?**

A eliminação do analfabetismo em Cuba era um requisito indispensável para o avanço das massas populares e a alfabetização formava parte do programa da Revolução. Estimo que esse plano foi elaborado por uma equipe de pessoas conhecedoras da tarefa.

### **6. Como funcionava na prática?**

Em geral, os brigadistas “Conrado Benitez” eram alocados, previamente pela coordenação, nas casas onde viviam os campesinos que tinham mais possibilidades econômicas e de espaço.

A aceitação de um brigadista na casa de um campesino vinha precedida do consentimento prévio do campesino, para receber o brigadista. Na prática, os campesinos disputavam entre si a honra de ter um brigadista em sua casa.

Não necessariamente o campesino que albergava um brigadista em sua casa era analfabeto. Por exemplo, eu mesmo vivia na casa de um casal de jovens campesinos e uma pequena criança. Eles sabiam ler e escrever bem.

Eu caminhava quase dois quilômetros até onde viviam os campesinos que eu ensinava. Eu fazia isso em horas, em metade de um dia.

Por outro lado, nós, os brigadistas, apoiávamos os camponeses em seus trabalhos agrícolas ou mesmo na colheita de milho. Em um tonel puxado por um par de bois, que marchavam ao rio Cuyaguajejo, nós transportávamos água para o consumo da casa.

Uma bela experiência que muito proporcionou a todos. A mim, particularmente, mostrou o poder transformador do trabalho, como fonte de riquezas.

No horário noturno, ensinávamos um curso de superação a um pequeno grupo de quatro pessoas que, ainda que não fossem analfabetos, seus conhecimentos estavam muito limitados. Isso era feito em uma choupana onde eu vivia, utilizando para iluminar uma lanterna chinesa que nos haviam dado.

## **7. Quais as maiores dificuldades enfrentadas?**

A maior dificuldade que enfrentei para realizar minha tarefa de alfabetizador foi a limitação de tempo para desenvolver a turma, pois muitas vezes os camponeses que alfabetizava tinham trabalhos para fazer, por isso não dávamos à classe a duração do tempo necessário.

## **8. Como a população via esse projeto na época e como vê hoje? Quais os reflexos dessa alfabetização na educação hoje?**

O apoio da população à realização do projeto educativo foi total. Mais de cem mil jovens participaram da Campanha de Alfabetização, como brigadista “Conrado Benitez”, indo aos lugares mais escondidos de nosso país. Além disso, milhares de pessoas de todas as idades formaram a brigada “Pátria ou Morte”, com a missão de alfabetizar as cidades, povos e caseiros.

Hoje em dia, todos os que participaram dessa jornada educativa, se sentem orgulhosos e satisfeitos de haver contribuído para que nosso povo possa mostrar ao mundo seu desenvolvimento intelectual e sua cultura.

## **9. Por quanto tempo você participou do projeto? Como foi a sua experiência nesse processo de alfabetização?**

Minha participação na Campanha de Alfabetização começou em maio e foi até o dia 18 de dezembro de 1961.

Estive primeiramente uma semana em Varadero, onde recebemos instruções sobre os materiais didáticos que íamos utilizar, assim como sobre a relação que deveria existir entre nós e o campesinato.

Nossa brigada estava composta por 28 jovens. O mais jovem tinha 13 anos. Os de mais idade eram os companheiros de 18 e 20 anos, respectivamente. Hoje em dia eles são médicos especialistas. E eu que tinha 21 anos na época, hoje sou um professor de matemática aposentado. Nós três fomos os organizadores da nossa brigada.

Arrecadamos medicamentos, um grande número de mudas de árvores frutíferas (mangas, abacates, cocos, etc.) assim como uns 30 coelhos – para fomentar a sua cria na zona que nos designaram. As mudas foram doadas pelo marido de uma prima minha (que era dono de um viveiro de plantas ornamentais e frutíferas). Elas eram semeadas em bolsas de polietileno e serviriam para repovoar de árvores frutíferas o lugar onde estivemos.

Fomos escolhidos para a zona montanhosa de San Cristóbal – província de Pinar Del Río naquela época. As autoridades correspondentes não nos permitiram ir à Lomerío, pois nessas montanhas estavam operando bandos contrarrevolucionários. Eles cometiam ações de abuso e agressão ao campesinato.

Fragmentaram a brigada. Alguns brigadistas e eu fomos parar em uma zona montanhosa na Cordellera de los Órganos, pertencente ao povo San Juan y Martínez (Pinar del Río). Nesse grupo estávamos os três responsáveis da brigada.

O lugar é um vale (intramontano) e é atravessado pelo rio Cuyaguajejo. Se encontra no quilômetro 41 e meio da estrada chamada Carretera de Luis Lazo, que une a capital provincial Pinar del Río com o povo de Guare. Essa via tem uma longitude de 73 quilômetros.

Até esse vale, o marido da minha prima transportou em seus caminhões os coelhos e mudas de árvores frutíferas. Semeamos as mudas, mas os coelhos eram poucos, pois alguns morreram e outros foram dizimados pelos cachorros do lugar.

Também, durante os primeiros meses de nossa chegada ao lugar, tivemos esforços em San Juan e Martínez, onde foi conseguido no lugar a transferência de cerca de 20 latrinas sanitárias. Era prática normal fazer suas necessidades fisiológicas lá mesmo, em um matagal ou, como eu fazia, em uma cova mascarada com mato.

Conseguiu-se o objetivo, embora com certo desinteresse de muitos campesinos. Ante essa situação, nós brigadistas decidimos abrir nós mesmos os buracos e montar as latrinas. Quando eles nos viram nos movimentando, com pás e picaretas, se uniram à tarefa. Isso se constituiu um êxito na prevenção de doenças.

Expressei nas perguntas anteriores a experiência que tive no aspecto relacionado à alfabetização do campesino que me designaram.

Na casa em que fiquei, havia um casal recém-casados, eles já tinham uma menininha de meses de idade, o qual eu a carregava muitas vezes para que sua mãe pudesse aprender. Lamentavelmente ela tinha atraso mental e somente aprendeu a escrever seu nome, sobrenome e poucas palavras.

Depois que consegui que o campesino aprendera a ler e a escrever, terminando o mês de novembro, nos transferiram a outros lugares como reforço.

A mim me encaminharam 14 jovens brigadistas, entre quinze e dezesseis anos de idade, e nos colocaram para morar em uma casa de curar tabaco. Nos deram redes de descanso e alimentos para cozinarmos nós mesmos. O primeiro arroz que fizemos ficou incomível (duro como um pau). Ante essa situação, me dei a tarefa de conseguir uma campesina que cozinhasse pra nós. A consegui e melhorou a situação.

Esse novo lugar se encontra a uns cinco quilômetros de Guana, mas na chamada estrada pan-americana. É conhecida como Isabel Rubio.

Nesse lugar terminamos, de maneira exitosa, a missão que nos haviam designado.



### Estrutura do Ensino Básico Atual

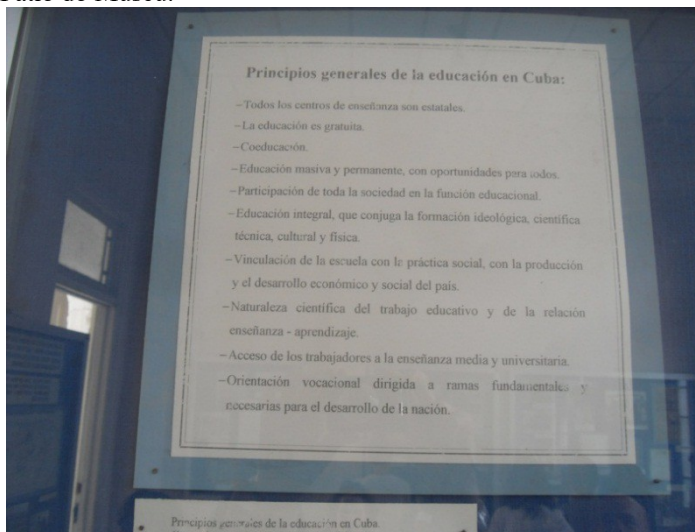
<b>Brasil</b>	<b>Cuba</b>
Educação Infantil: de 0 à 5 anos;	Círculo Infantil: de 0 à 4 anos; Pré-Escolar: 5 anos;
Ensino Fundamental- I – Primeiro ao quinto ano: de seis à dez anos; II – Sexto ao nono ano: de onze à quatorze anos;	Escola Primária: de seis à onze anos; Secundária Básica: de dez à doze anos;
Ensino Médio – Primeiro ao terceiro ano: de quinze à dezessete anos.	Pré universitária, escola de ofícios, secundária obrero-campesina e instituto politécnico: de quinze à dezessete anos.
(BRASIL ESCOLA, 2012)	(TROJAN, 2008)

## FOTOS

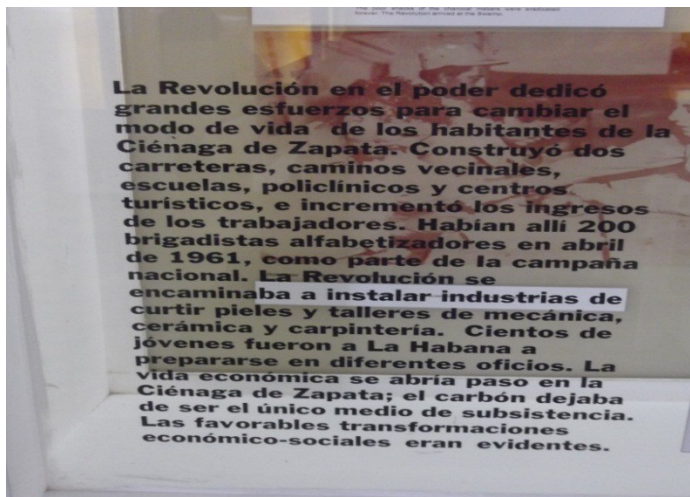
### Museu da Revolução – Havana (01/2013)



Pátio do Museu.



Princípios gerais da educação em Cuba.



Partes da história da Campanha.



“Milhares de cubanos, maioria adolescentes, convocados para a grande batalha contra a ignorância.”



Durante as aulas.



“A vontade de aprender venceu todos os obstáculos.”





Um dos 1500 educadores que deram seus serviços a mais de onze países da África e América Latina.



Um dos 54 circuitos infantis criados em 1987.



Crianças em aula, em 1990.

## Escola Hermanos Montalvo – Caimito (01/2013)



Escola para alunos especiais Hermanos Montalvo.



Ensaio para um desfile.





Parte da equipe e alunos.



Oficina de Marcenaria.



Trabalho de um aluno.



Professor de marcenaria.



Entrevista com o diretor.





Trabalhos manuais dos alunos.



Turma na hora da saída.



Rua de Havana, em 2013. “53 anos de lutas e vitórias.”





Pátio do alojamento, Município de Caimito. Brigadistas da Associação – 2013.



Entrada do alojamento. “Ser cultos para ser livres.” José Martí.